



**RUA DAS OLARIAS  
(Tavira)  
Sondagens Arqueológicas**

**Maria Garcia Pereira Maia**

**Judite Nascimento**

**2002**

**Campo Arqueológico de Tavira  
Tavira, Portugal  
[www.arqueotavira.com](http://www.arqueotavira.com)  
[mail@arqueotavira.com](mailto:mail@arqueotavira.com)**

## RELATÓRIO DAS SONDAGENS EFECTUADAS NO PRÉDIO Nº 19-23 DA RUA DAS OLARIAS, EM TAVIRA

### I

#### 1- Introdução

O Campo Arqueológico de Tavira foi solicitado, de acordo com o Protocolo realizado entre o IPA, a CMT e o próprio CAT, datado de 28 de Fevereiro de 1999 segundo o qual “ O CAT assegurará a equipa técnica necessária a uma intervenção arqueológica planificada e continuada no Centro Histórico de Tavira” (Cláusula Primeira, nº3), para realizar sondagens no edifício em epígrafe.

Da leitura da memória descritiva do projecto, deduz-se que se pretende transformar um edifício de dois pisos destinados a habitação multifamiliar num hotel residencial de duas estrelas, cujo programa se desenvolve por cave, r/chão, 1º e 2º andares.



2 – O edifício em questão situa-se dentro da área de protecção das muralhas de Tavira, Mon. Nac. pelo Decreto nº 29 604, D.G. 112 de 16 de Maio de 1939, ZEP D.G. 31 de 6 de Fevereiro de 1960.

Faz parte da tradição e está suficientemente estabelecido, até através da toponímia ( Rua dos Mouros, Largo do Poço dos Mouros, etc. ), que o bairro em que se localiza este edifício fez parte da Mouraria, área onde se estabeleceram os habitantes de *Tabyra*, após a “reconquista” cristã .

O topónimo rua das Olarias é muito significativo, em primeiro lugar porque se sabe que estas instalações, no período islâmico ficavam fora do núcleo urbano e das

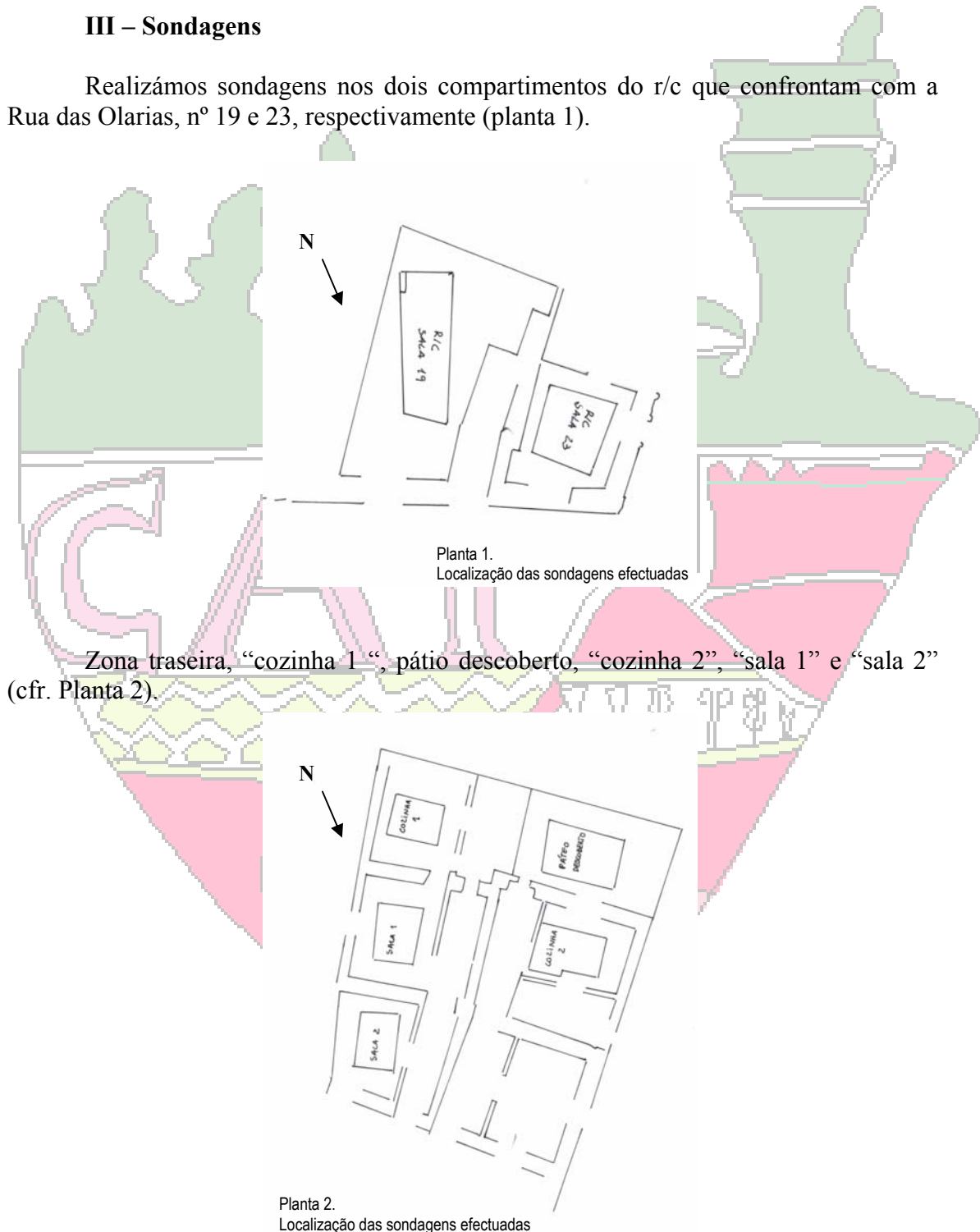
muralhas e em segundo, porque “ os mouros”, depois de expulsos, continuaram muitas das suas actividades produtivas mantendo a mesma localização, sempre que possível.

## II – A Topografia do Sítio

O rés do chão ocupa a fachada que confronta com a Rua das Olarias. A restante área encontra-se aterrada, forma o 1º piso e inclui zona de habitação e dois pequenos terraços. Todas as altimetrias apresentadas são absolutas, referidas ao marégrafo de Cascais.

## III – Sondagens

Realizámos sondagens nos dois compartimentos do r/c que confrontam com a Rua das Olarias, nº 19 e 23, respectivamente (planta 1).



#### IV – Metodologia

Procedeu-se por valas, que foram marcadas de acordo com a área disponível em cada compartimento, e tentou-se deixar, sempre que possível, um corredor de passagem e segurança de 80 cm à volta das paredes.

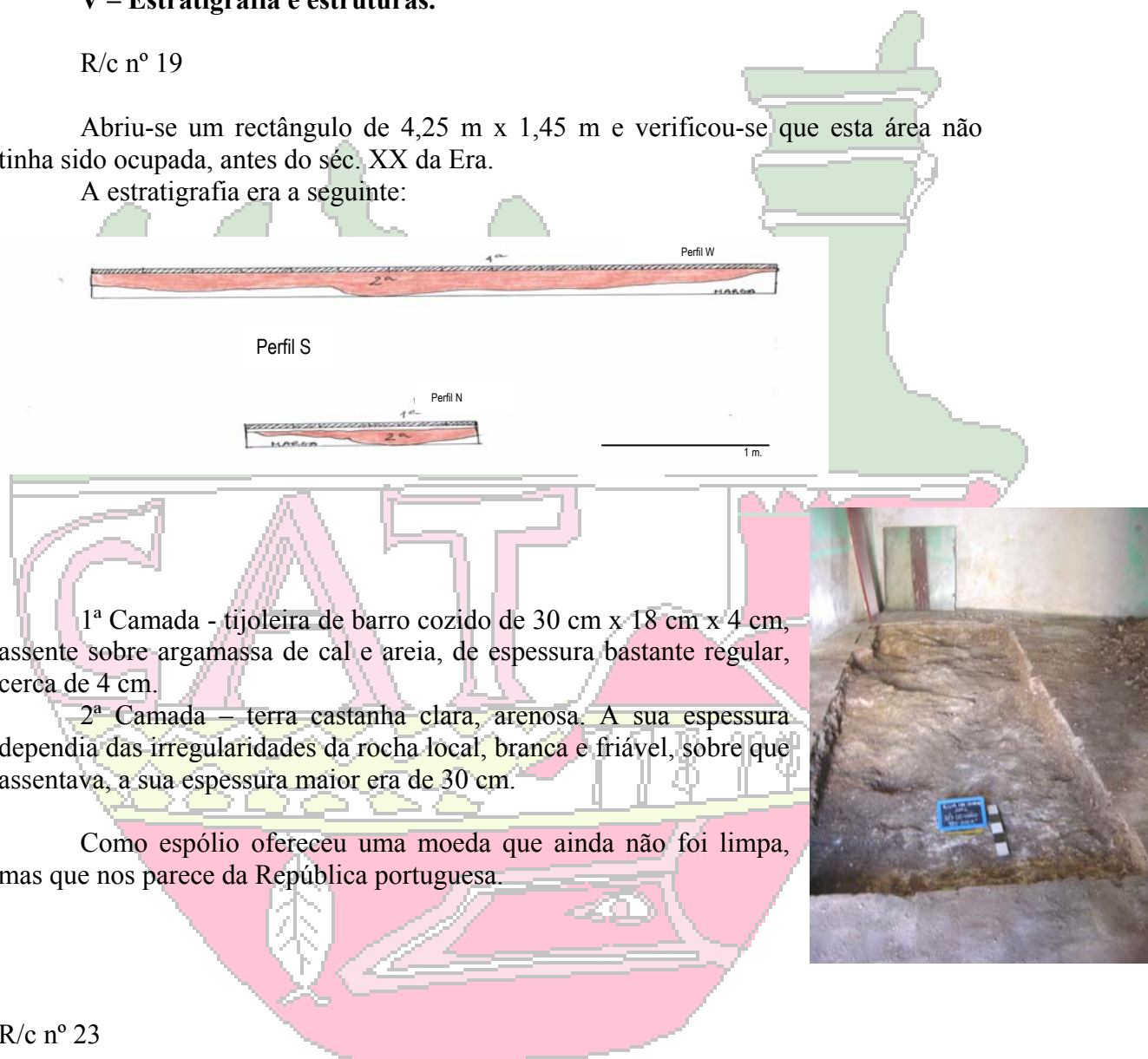
Seguiu-se o método Wheeler, tendo-se procedido à *decapage*, camada por camada e, para o registo, e desenho, usou-se o princípio dos perfis comulativos de Barker, com registo dos “acidentes” observados.

#### V – Estratigrafia e estruturas.

R/c n° 19

Abriu-se um rectângulo de 4,25 m x 1,45 m e verificou-se que esta área não tinha sido ocupada, antes do séc. XX da Era.

A estratigrafia era a seguinte:



1ª Camada - tijoleira de barro cozido de 30 cm x 18 cm x 4 cm, assente sobre argamassa de cal e areia, de espessura bastante regular, cerca de 4 cm.

2ª Camada – terra castanha clara, arenosa. A sua espessura dependia das irregularidades da rocha local, branca e friável, sobre que assentava, a sua espessura maior era de 30 cm.

Como espólio ofereceu uma moeda que ainda não foi limpa, mas que nos parece da República portuguesa.

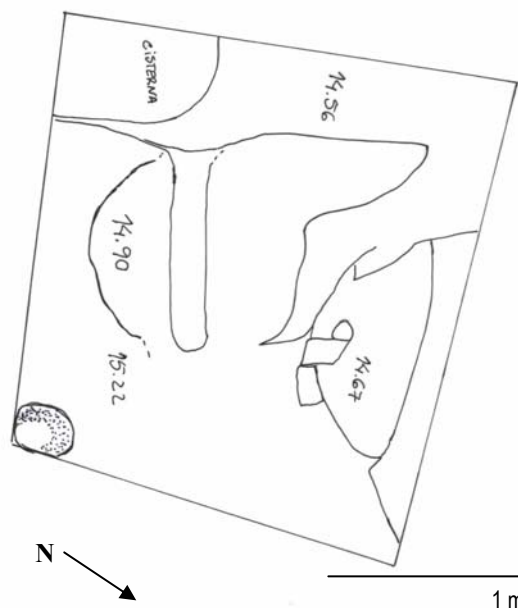
R/c n° 23

Abriu-se um rectângulo de 2,40 m x 2 m.

Posteriormente alargou-se a sondagem, com a escavação de um sector de 20 x 50 cm, junto do ângulo “Sul” do rectângulo primitivo, pela necessidade de se proceder à escavação de um poço ou cisterna que se abria nesta zona.

## I – Estruturas

Não existiam estruturas construídas, nesta área, mas sim escavadas na rocha margosa local, muito branda e friável, de coloração esbranquiçada.



Esta rocha margosa apresentava uma inclinação geral E - O partindo de uma altimetria de 15,22 m e estava recortada nos seguintes pontos que passamos a descrever:

- Ângulo NO – uma pequena depressão semi – esférica, com cerca de 30 cm de diâmetro
- Depressão com planta em arco de círculo, com cerca de 80 cm de diâmetro, por 27 cm de raio e 32 cm de profundidade. Apresentava o fundo quase plano e abria para um canal com cerca de 30 cm de profundidade, por 18 cm de largura por 94 cm de comprimento e que terminava em semi – círculo no lado Norte e abria para uma depressão mais vasta na rocha.
- Uma área aproximadamente plana, altimetria 14,19 m.
- Uma depressão irregular que forma um perfil quase em “V”, atingido uma profundidade máxima de 52 cm e que comunica com outra grande depressão.
- Grande depressão, que corre no sentido Oeste – Este, baixando para esta última direcção (foto 1)
- Poço ou cisterna ou ainda silo de boca grosseiramente circular, de 70 cm de diâmetro, com a profundidade máxima de 2,20 m e que alargava progressivamente, a partir da abertura, até atingir um diâmetro máximo de perto de 2 m, atingindo uma altimetria de 12,75 m.

Esta depressão não foi totalmente escavada, nos lados “Leste” e “Sul”, dada a sua proximidade a paredes do edifício, e ao perigo de ruir que apresentava.

## II – Estratifagia:

1ª Camada – Mosaico hidráulico, assente em argamassa de cimento e areia, formando uma espessura média de 6 cm.

2ª Camada – Apenas existia no lado Oeste do perfil. Formada por terra castanha clara, fragmentos de caliça, pequenas pedras calcárias locais. Entulho moderno, cuja base era irregular. A sua espessura máxima era de 16 cm.

3ª Camada – Pavimento de calicho esbranquiçado, sobre o qual a terra se mistura com fragmentos soltos dele e algumas pedras soltas.

4ª Camada – Terra castanha, compacta, com pedra miúda e telhas modernas. Acompanhava a depressão mencionada acima (e) e era interrompida, antes da abertura do silo (f), por uma grande mancha de carvão e cinza (4b).

4ª Camada *b* – Mancha de carvão e cinza, que se intercalava entre a 4ª camada e a rocha, com uma profundidade de 51 cm. Perto da abertura do silo (f), a rocha estava alisada, numa extensão de perto de 60 cm.

4ª Camada *a* – Idêntica à camada 4, mas com muita cinza e algumas pedras caliças soltas. Provável contaminação de 4*b*. Assentava na rocha e tinha uma espessura máxima de 18 cm – 20 cm.

Apresentava muita jorra de vidro e de ferro.

Sobre a depressão em arco de círculo (b) e “canal”, era acastanhada, com muitos fragmentos de olaria comum, vidrada cor de mel e a verde. Também faiança portuguesa esmaltada a branco, com desenhos a azul. Fragmentos de pratos e malgas de finais do século XVII, inícios do XVIII.

5ª Camada – Rocha margosa esbranquiçada e alisada, numa extensão de cerca de 60 cm.

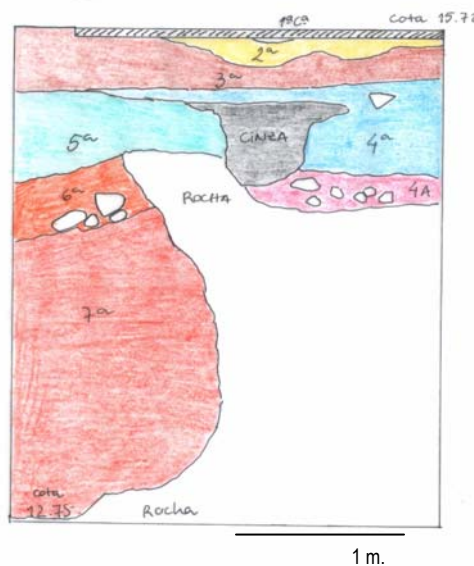
5ª Camada *a* – Sobre a boca do “silo” (f) e nas suas imediações. Terra clara, arenosa, muito branda, com algumas cinzas e carvões. Continha grande quantidade de olaria vidrada cor de mel, de onde se destacam numerosas frigideiras de aba exvasada e pega lateral, triangular, disposta a partir do lábio (Tipo 3.3 de Ferreira Fernandes, I. C. e Carvalho, R.)

São peças post – medievais, que se enquadram bem na cronologia de faianças portuguesas esmaltadas a branco e com desenho a azul (sécs. XVII – XVIII).

6ª Camada – Localizava-se no interior da boca do “silo” (f) e terá constituído a sua cobertura. Tinha uma espessura média de 30 cm e convergia em direcção ao centro desta cavidade. Era constituída por terra arenosa, solta e pedras de grande e média volumetria.

7ª Camada – Preenchia o interior do “silo” (f).

Era formada por terra muito compacta, que à cota 12,15 ou seja os últimos 60 cm acima do fundo, se transformava em barro de moldar, muito húmido e plástico.



O espólio era constituído por numerosos fragmentos de alguidares vidrados a verde, tigelas carenadas, frigideiras de pega triangular, painéis de cozinha com duas asas verticais em fita e vidradas na face interna, candeias, alcatruzes e ainda fragmentos de faiança portuguesa.

Também restos faunísticos constituídos principalmente por ossos de bovino e ainda espinhas e maxilares de *sparidae*, nomeadamente talvez, *pagrus pagrus* de grandes dimensões.

### III – Interpretação funcional provisória.

A sondagem efectuada revelou parte da área de trabalho de uma olaria, cujo solo era constituído pela rocha local grosseiramente alisada e onde foram praticadas depressões que nos permitem pensar na área de montagem à roda de oleiro de peças cozidas em fornos próximos.

Os factores que nos induzem a fazer esta proposta são nomeadamente a depressão em arco de círculo, junto da qual existe o canal que escoava para o “silo” e a própria existência desta cavidade, que julgamos ter sido um reservatório de barro.

A cavidade em arco de círculo encontra paralelos nas bem conhecidas olarias de Paterna (Testar del Molí), em Valência, Espanha e destinava-se a servir de assento ao oleiro, quando trabalhava no torno. No caso de Tavira, este deveria apoiar o eixo na depressão já descrita e era seguro por meio de grandes pedras encontradas aproximadamente a meio do seu comprimento.

Julgamos que a função deste canal seria reconduzir água e barro excedentes do trabalho na roda, para o silo do barro pronto a ser utilizado.

#### 1º Piso

#### Cozinha 1 (Planta do 1º Piso)

Abriu-se um rectângulo de 2 m x 1,45 m.

#### I – Estruturas

##### a) Parede 1 (Foto e Perfil “Leste”)

No lado “Leste” do rectângulo e imediatamente abaixo da superfície, identificámos a presença de uma parede 1 (cfr. Desenho do Perfil “Leste” e Foto) que apenas conservava cerca de 50 cm de altura e 30 cm de largura. Tratava-se dos restos de uma fraquíssima construção, talvez um muro de quintal urbano, que datamos do séc. XIX – XX.

Foi truncada e parcialmente destruída, quando se construiu a cozinha contemporânea. Em termos de estratigrafia, não ultrapassa a parte superior da 3ª camada.

##### b) Parede 2 (Foto e perfil “Leste”)

Também foi truncada e semi – destruída, aquando da edificação da Cozinha 1. Conservava um terço

rebocado a cal e areia que também não passava do terço superior da 3ª camada e um conjunto de pedras de alvenaria reaproveitada, que constituíam o seu alicerce, o qual tinha a sua base nos inícios da 4ª camada. As pedras estavam argamassadas com barro vermelho, cor de sangue de boi, vivo. O seu topo “Oeste” constituía uma ombreira de porta.



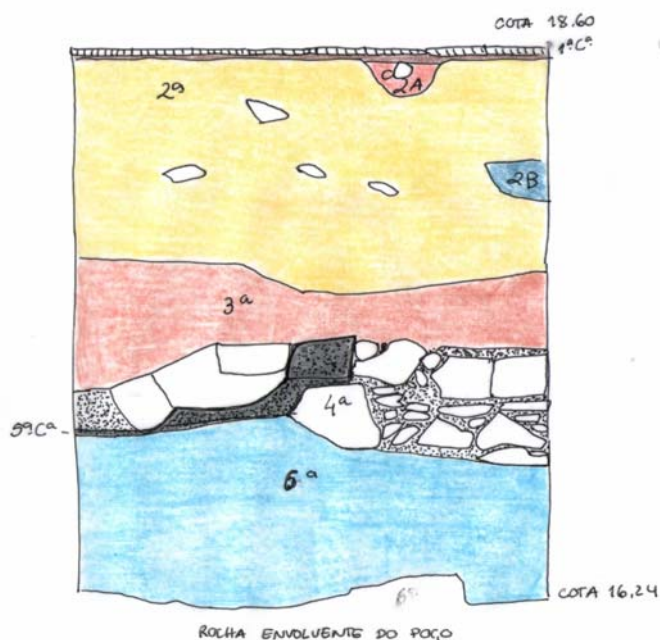
c) Parede 3

Todo o lado “Sul” da sondagem, e separando a 3ª camada da 4ª estava ocupada por uma parede igualmente mal executada e utilizando pedras de alvenaria reaproveitadas e aglomeradas com argila vermelho sangue de boi, vivo.

Foi truncada e, no seu lado “Leste”, a destruição que sofreu deixou apenas algumas pedras e fragmentos de reboco de cal e areia.

A sua base situa-se à

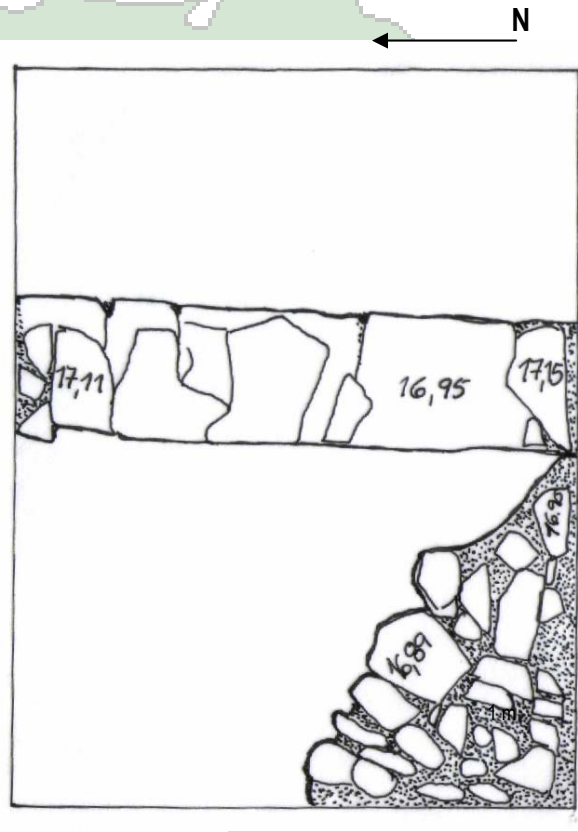
altimetria de 16,38 m (cfr. Cozinha 1, perfil “Sul”- desenho).



d) Parede 4 (Foto e desenho)

Outra parede, com idênticas características, atravessava a sondagem em posição perpendicular à anterior.

O que dela restava não ultrapassava, em altimetria os 17,15 m e a sua base situava-se 50 cm abaixo, constituindo o limite entre a 3ª e 4ª camadas. Fechava um compartimento formado pelas paredes 2 (com a sua porta), a parede 3 (a “Sul”) e a 4 (a “Leste”).



e) “Estrutura Oeste” (Desenho e foto).

No ângulo “Noroeste” da sondagem registámos, ao mesmo nível (altimetria 16,83 m – 15,92 m) uma estrutura constituída por uma (nalguns casos 2, noutros 3, menores) feira de pedras de dimensões grandes ( 28 cm x 19 cm), médias (23 cm x 10 cm) e pequenas ( 14 cm x 8 cm) e que formava, na zona escavada, um arco de círculo (desenho ), que deixa induzir a existência de uma área pavimentada a pedra, tendencialmente circular e com um raio talvez superior a 70 cm.



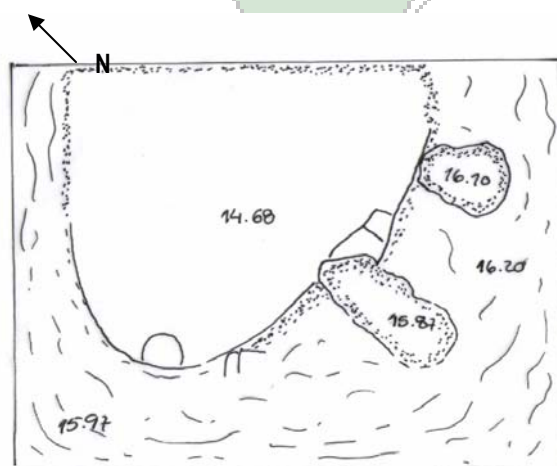
f) Poço (ou “cisterna”) (Desenho).

A rocha de calcário margoso local, de cor esbranquiçada, formava como que uma plataforma quase plana, a altimetria de 16,10 m. A 6ª camada terminava a este nível após o qual se abria um poço de planta circular (desenho), escavado na mesma rocha.

A sondagem realizada apenas abrangeu uma parte deste poço, que se localizava no seu ângulo “Nordeste”. O diâmetro maior observado é de 1,40 m (desenho)

A rocha local descia ligeiramente em direcção à boca do poço, desde a altimetria de 16,20 m a 16,10 m e observei duas pequenas depressões de forma circular no topo e prolongadas em vala, até à abertura do poço. Interpreto as depressões como cavidades efectuadas na orla do poço, para a fixação de um engenho de madeira para a elevação da água, ou de um simples “parapeito”, para proteger a aproximação à cisterna.

Dadas as condições em que estas sondagens foram efectuadas, dentro de um edifício que não se encontrava muito seguro, antes ameaçando ruína em muitos pontos, apenas escavámos cerca de 1,40 m desta “cisterna”, mas sondámos mais 1,70 m, sem termos logrado encontrar o fundo.



II – Estratigrafia (desenhos)

1ª Camada – Era formada por mosaico hidráulico e a respectiva argamassa, de areia e cimento.

Tem início à altimetria de todo este 1º piso, 18,60 m e o conjunto ocupa 5-6 cm.

2ª Camada – É mais ou menos uniforme em toda a sondagem, tomando tonalidades ora mais acinzentadas, ora mais beges. Trata-se de entulho contemporâneo, com elementos de caliça e pequenas pedras.

Tem uma espessura variável que chega a atingir 1,04 m junto dos perfis “Sul” e “Norte”. Do lado “Oeste”, a sua base é atravessada por uma mancha de argila vermelho vivo (2 b), que se prolonga no perfil “Sul”, onde termina. Esta argila

vermelha relaciona-se, normalmente, com construções de alvenaria, a que serve de aglutinador. Neste caso, a sondagem não revelou qualquer estrutura que, provavelmente se situaria na área não escavada.

3ª Camada – Trata-se de outra camada de entulho contemporâneo. A terra é castanho acinzentada e contém pedras pequenas e entulho de calça e telhas. Tem uma espessura variável, que atinge cerca de 60 cm a Oeste, tornando-se mais delgada, para Leste e Sul. Junto deste perfil sobrepõe-se à parede 4, tornando-se mais delgada.

4ª Camada – No perfil “Sul” é constituída pela parede 4. Junto da parede 2 é castanha escura, com entulhos modernos e separa-se da 3ª camada através de uma linha tendencialmente horizontal correspondente a um pavimento de terra batida.

No lado “Oeste”, não existe pavimento, mas sim uma linha mais clara, com pequenas pedras, que separa da 3ª camada.

Continua também apenas entulhos modernos.

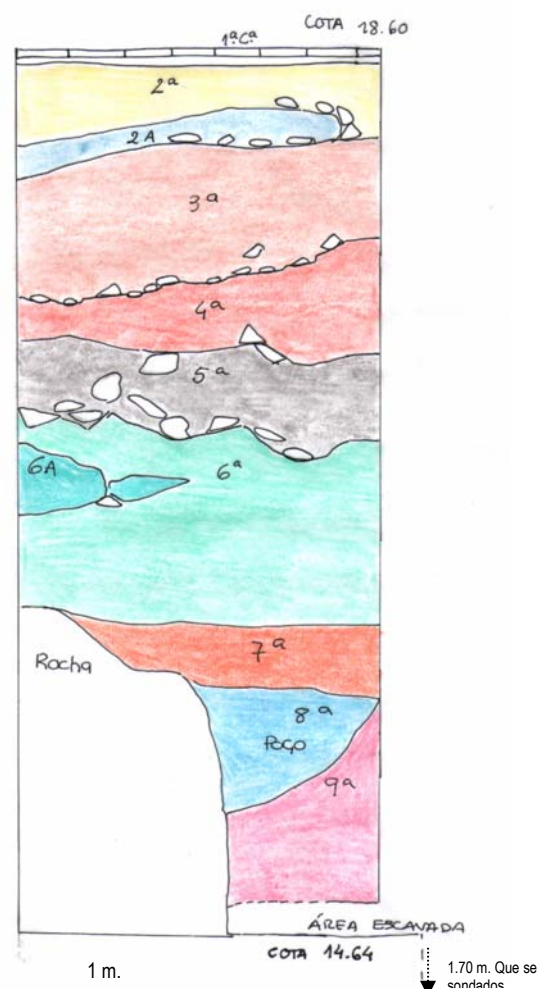
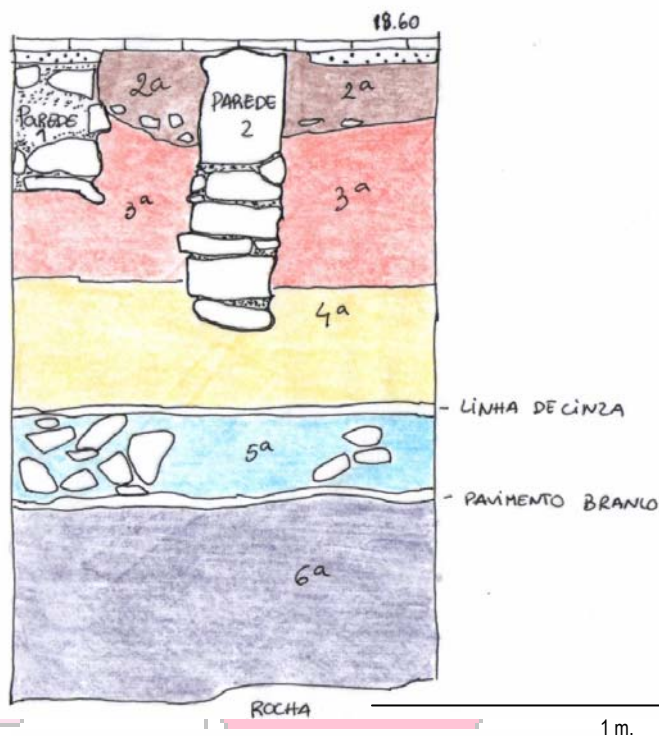
5ª Camada – É caracterizada por um derrube, em toda a sondagem, excepto no seu lado “Sul”, onde existe o que resta de uma parede (parede 3) e manchas de argila vermelha mostram que estamos perante um derrube de parede, com toda a probabilidade, a parede 3.

Trata-se de terra esbranquiçada com muitas pedras caídas. Nalgumas zonas é antecedida por uma delgada linha de cinzas. Apoia-se sobre um pavimento branco, que nasce sob a parede 3, no lado “Sul”. Como espólio, revelou apenas fragmentos de alçóides vidrados, quer verde, quer melado.

6ª Camada – Trata-se de terra castanha – escura, barrenta, com carvões.

É quase uniforme em toda a sondagem e resulta da descarga de fornos de olaria próximos. Assenta sobre a rocha margosa e esbranquiçada local, de cuja configuração depende a sua espessura, que ronda os 80 cm.

A excepção é a boca do poço ou cisterna (f), em que mantém a altimetria da rocha e se apoia na 7ª camada.



O espólio que ofereceu coaduna-se muito bem com a que se situa – inicia-se à altimetria de 17 m / 16,80 m e termina sobre a rocha local.

São peças de olaria montadas e cozidas no complexo oleiro sondado: fragmentos de alcatruzes, asas de “infusas”, fragmentos de alguidar e de candeias.

Apenas dentro do poço (f)

7ª Camada – Trata-se também de terra de descarga de fornos. É castanha – escura, com cinzas e carvões e com fragmentos cerâmicos que sabemos terem sido, na sua maior parte, produzidos localmente.

8ª Camada – No fundo, era uma *interface* onde materiais de descarga e carvões se misturam com areia castanha – escura, muito branda e nada compactada, misturada com muitos milhares de conchas, quase todas de bivalves, nomeadamente *Donax Trunculus*, *Cerastoderma Edule*, *Venerupis Decussata*, que constituem o grosso da 9ª camada.

9ª Camada – Tem início à altimetria de 15,50 m e apenas foi escavada até à altimetria de 14,40 m, mas prolonga-se até muito fundo. Não pudemos terminar a sua escavação, porque a maior parte do perfil “Oeste” se apoia sobre esta terra muito instável e pouco compactada.

Efectuou-se, contudo, uma tentativa de avaliar a profundidade do “poço” e chegámos até à altimetria de 12,80 m, sem logarmos alcançar o seu fundo.

Interpretação funcional

Dado que a área traseira do prédio em epígrafe foi voluntariamente entulhada no séc. XX d.C., interpreto as paredes 1, 2, 3 e 4 bem como a “estrutura Oeste”, como restos de construções de fraca qualidade, situadas num quintal urbano e possivelmente relacionadas com actividades agro – pecuárias peri – urbanas.

A 4ª camada relaciona-se com a fundação destas construções. A 5ª e 6ª formaram-se pela acumulação de materiais de descarga dos fornos próximos, sobre a rocha local e sobre a boca do “poço” ou “cisterna” (f), que datamos do período post – medieval.

Sabemos que o subsolo de Tavira é rico em água. Muitas residências da cidade datadas dos sécs. XIX e XX possuíam um poço de água salobra, nos seus “baixos”.

A profundidade desta estrutura incita-me a classificá-la de poço (com nascente própria), mas a inclinação geral da rocha, sempre descaindo na direcção da abertura desta cavidade, fala a favor de se tratar de uma cisterna.

Em qualquer dos casos, tratava-se de uma escavação praticada na rocha, que tinha a função de conter água. Este elemento era imprescindível à olaria que sabemos ter-se estabelecido sobre a rocha local, no período post – medieval.

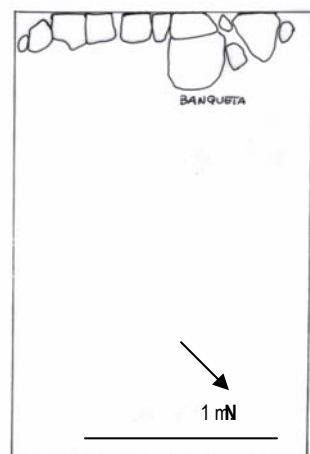
Sala 1 (Planta do 1º Piso)

Confinava com a cozinha 1. A sondagem respeitou uma margem de segurança de 80 cm relativamente à parede que separava as duas divisões.

Temos, portanto, que o perfil “Norte” da sondagem na cozinha 1 distava do perfil “Sul” da sondagem da Sala 1, cerca de 1,60 m.

## I – Estruturas

- a) Uma parede 5 localizava-se à altimetria de 16,85 m. A sondagem apenas revelou um lado dela, constituída por uma única fileira de pedras de pequenas dimensões (desenho).
- b) Uma banqueta adossava-se à parede 5. Era constituída por uma só fileira de pedras de grandes e médias dimensões. Interpretamo-la como um “peal” (desenho e foto)



- c) Aproximadamente à mesma altimetria (cfr. Perfil “Leste”), identifiquei um pavimento de terra batida, com muito calço, sobre o qual se recolheu muita telha e fragmentos de uma “infusa”, ou cântaro, de fundo plano e duas asas.
  - d) Imediatamente abaixo do pavimento e da parede 5, tinha início a parede 6, bem construída e regular (foto e Perfil “Sul”), que julgo ter feito parte da estrutura do forno que esta sondagem revelou parcialmente.
  - e) Estrutura 7. Entre a parede 6 e os tijolos que marcam o topo da fornalha do forno encontrava-se um aglomerado mais ou menos informe de pedras de dimensões médias a pequenas, que descia em rampa irregular.
  - f) Molduras do forno. À cota de 15,73 e apenas no lado “Oeste” da sondagem com prolongamentos nos dois ângulos “Sudoeste e “Nordeste” observei uma “moldura” constituída por grossos tijolos maciços de 25 cm x 13 cm x 8 cm que apresentavam muitos vestígios de argamassa de cal, bastante branca.
  - g) Grelha. Na sua continuação observei ainda tijoleiras quadradas, de cerca de 15 cm de lado por perto 4 cm de espessura. Não se encontravam exactamente *in situ*, mas quase, tendo sofrido uma inclinação, devido ao colapso parcial dos pilares em que se apoiavam. Estavam envolvidos por uma grossa amálgama de barro não tratado e recozido que constituiu o “crivo” ou grelha do forno. (Fotos e )
  - h) Pilares da fornalha.(cfr. Perfil “Sul” e Perfil “Oeste”. No lado “Sul” da sondagem observavam-se muito claramente dois pilares, constituídos por tijoleiras planas de 29 cm x 14 cm x 4,5 cm que se sobrepunham em 2 pilastras de 9 elementos cada uma e que formavam o arranque dos arcos de sustentação do “crivo” ou grelha.
- Estes pilares sustentavam os grossos tijolos maciços da orla. A distância primitiva entre os dois pilares, na zona em que permanecem direitos, é de 22 cm e, junto ao perfil “Sul”, este espaço era preenchido por terra castanha escura que apresentava uma superfície vidrada pela acção das chamas.

Do lado oposto, “Norte”, também se observaram restos de dois pilares (cfr. Perfil “Norte”), situados a cerca de 1,30 m de distância e colocados em posição deslocada para “Leste” em relação aos primeiros, se levamos em conta a margem ou moldura conservada da fornalha, que se localiza a “Oeste” (cfr. Plano da parte conservada do forno).

## II Estratigrafia

1ª Camada – Mosaico hidráulico, com a superfície à altimetria de 18,60 m, assente em argamassa que, no lado “Leste” e juntamente com calíço chega a atingir 10 cm de espessura, tendo sido considerada uma camada à parte (2ª).

2ª Camada – é constituída por entulho moderno e terra bege. É irregular e a sua espessura máxima ronda os 60 cm.

3ª Camada – Igualmente constituída por entulho moderno, um pouco mais compactado. A sua maior espessura situa-se à volta de 1,20 m.

4ª Camada – Bastante horizontal, é arenosa, com pedra miúda, amarela escura, com cinza e carvões. Mal compactada, continha grande quantidade de telhas “de canudo” fragmentadas, loiça de cozinha, como painéis de barro de duas asas e muitos fragmentos de faiança portuguesa azul e branca, com traços a manganês da qual destacamos fragmentos de pratos e tigelas de “rendas” (foto ), “aranhões” (foto ) e outros com o desenho típico da oficina do Brioso, em Coimbra (foto )

Recolhemos ainda uma moeda, que não foi limpa, pelo que é de difícil identificação. Todo este material assentava sobre um solo.

5ª Camada – Era um pavimento de terra batida vermelha, que chega a atingir, nalguns pontos, nomeadamente do lado “Norte” da sondagem, perto de 15 cm e que, do lado “Oeste”, não passa de uma linha, com pouco mais de 2 cm, sobrepondo-se a uma bolsa de cinzas e conchas de bivalves, resultantes de uma lixeira que, por sua vez, veio cobrir muito material de descarga do forno.

Imediatamente abaixo deste pavimento recolhemos fragmentos de uma “malga” de *loiça malagueira*, “ou louça branca de Talavera”, que também foi produzida em Sevilha e em Lisboa, durante a segunda metade do séc. XVI.

Esta peça constitui, por agora, o *terminus ante quem* que permite datar a laboração do forno, uma vez que se sobrepõe ao respectivo material de descarga.

6ª Camada – Era muito variável, de acordo com a área do forno a que se sobrepunha.

No perfil “Sul” e junto da parede 6 e sobre a estrutura 7, era castanha escura, com muitas cinzas e fragmentos de material de descarga do forno.

Sobre o interior da fornalha, era constituída por terra castanha escura, com muitos fragmentos de cerâmica comum, de tijolos, de telhas, com muito carvão e cinzas. Atinge cerca de 50 cm.

7ª Camada – Era separada da anterior por uma delgada linha de calíço que, no perfil “Leste” se identifica bem com um pavimento.

Constitui a camada correspondente à câmara do forno, sobrepondo-se à respectiva grelha e, sobre o perfil “Oeste”, à maior área de descarga, onde se acumulam peças mais ou menos fragmentadas, tudo envolto em cinzas e carvões (foto e desenho ), (cfr. Inventário sumário das formas, desenhos e fotografias que seguirá em apêndice).

8ª Camada – O interior da fornalha, constituído por terra castanha escura, com muitas cinzas e carvões, muitos tijolos e tijoleiras caídos alguns em posição quase vertical.

Também muitos fragmentos de telhas “*de canudo*” e de peças manufacturadas na olaria e ali cozidas.

Assentava sobre o calcário margoso local que estava alisado, formando um perfil ligeiramente em U uma vez que era mais elevado por baixo dos pilares da fornalha.

### III – Interpretação e integração tipológica do forno.

Embora a informação que recolhi sobre o forno seja fragmentária, julgo que se inscreve muito bem no tipo B-2-3 de SEMPER, com crivo e soleira plana na parte superior.

A fornalha, cavada no terreno, abriga uma série com número variável de arcos paralelos, que vai de quatro a seis ( no caso de Tavira, apenas pudemos escavar dois).

A largura da fornalha era de 1,40 m e a largura total do forno, incluindo a estrutura 7 e a parede 6 era de 2,64 m e, dado que não são conhecidos fornos rectangulares deste tipo, podemos supor que apenas teria mais um arco, na direcção “Norte”.

Estes arcos sustentam um pavimento com aberturas que, no caso de Tavira é constituído por tijoleiras quadradas e barro.

A parede 6 e a estrutura 7 correspondem certamente às paredes da câmara de cozedura, cuja parte superior seria frequentemente refeita.

Trata-se de um forno que, embora date já da Idade Moderna, chamaríamos de *Mourisco* porque mantém a tradição islâmica e até romana.

#### Sala 2 (Planta do 1º piso)

A sala 2 situa-se a “Norte” da 1. Actualmente é uma sala interior, apenas iluminada por uma pequena clarabóia no tecto. A sua sondagem colocou grandes problemas de logística, uma vez que o edifício não estava ligado à rede eléctrica e que o Campo Arqueológico de Tavira não dispõe de gerador eléctrico. Foram tentadas várias formas de iluminação, que se revelaram suficientes para a escavação, mas insatisfatórias para a execução de desenhos.

Optámos por desenhar apenas o perfil “Sul”, que recebia melhor luz, durante parte do dia e, graças ao método de estratigrafia cumulativa que escolhemos, pudemos executar este desenho durante as horas de melhor insolação, em dias consecutivos.

#### I – Estruturas.

A transição da terceira para a quarta camada, à cota de 17,70 m é marcada por uma linha de reboco caído de uma estrutura que se encontrava fora da sondagem.

Também a transição da quarta para a quinta camada, com uma altimetria de 17,20 m se caracterizava por um nível de terra batida, castanha, muito escurecida por cinzas. No canto “Sudoeste” reconheci vestígios de uma forja, caracterizados por carvão, jorra de ferro e restos de pregos e outros pequenos utensílios.

A sexta camada era constituída por um solo de argamassa branca, sustentada por pequenas “pedras caliças” e cal. A sua cota é de 16,20 m e encontrava-se coberta por de muitos fragmentos cerâmicos procedentes dos fornos próximos (Foto e ).

A base deste pavimento situava-se 10 cm acima da rocha margosa local que, junto do perfil “Sul”, era cortada numa extensão de 1,30 m. A orla “Sul”, deste corte era revestida por uma ténue parede, constituída por pedras esparsas (foto ) que, para baixo, formavam um aglomerado de pedras idêntico à estrutura 7 da sala 1, pelo que a

interpreto como a parte inferior da câmara de outro forno ( foto ). Não pudemos continuar a escavação desta área, porque toda a altura do perfil “Sul” bem como o lado “Sul do perfil “Oeste” mais de 4,20 m, descarregavam o seu peso nesta área.

Pouco mais de 15 cm para “Norte” deste corte, foi detectada uma outra abertura na rocha de fundo desta sondagem. Era uma pequena abertura circular, de cerca de 25 cm de diâmetro, que verifiquei tratar-se da boca de um provável silo, uma vez que alargava muito, ultrapassada a altura deste “gargalo” que não era superior a 9-10 cm.

## II – Estratigrafia

1ª Camada – Constituída por mosaico hidráulico, com a respectiva argamassa de base.

2ª Camada – Entulho de terra bege esbranquiçada, com cal, telhas e pequenas pedras caliças.

3ª Camada – Quase todo o lado “Oeste” da sondagem é ocupado, entre as cotas 18,42m e 17,60 m, por terra castanha, com cinza e pedras miúdas.

O lado “Leste” apresentava um acidente - 3ªA – caracterizado pela existência de uma bolsa de terra castanha escura com pedras. A base desta camada era constituída por linhas de reboco caído de estruturas que esta sondagem não revelou.

4ª Camada – Situa-se sobre um pavimento de terra batida, enegrecido por carvões, cinzas e restos de uma forja. Era constituída por terra castanha escura e continha fragmentos de loiça de cozinha e uma quantidade comparativamente moderada de faianças portuguesas dos sécs. XVII – XVIII, que se concentravam sobretudo perto do ângulo Noroeste.

5ª Camada – Constituída por terra castanha escura, com carvões, cinzas e olaria montada e cozida neste conjunto oleiro, recozida e fragmentada. Interpreto esta camada como resultante da descarga de fornos. Assentava sobre um solo de argamassa branca já descrito.

6ª Camada – solo de argamassa branca que distava cerca de 10 cm do fundo rochoso, onde estava escavada a parede do forno que se situava a “Sul”, bem como o “silo” acima descrito.

7ª Camada – Preenchia o início das duas cavidades referidas. Era constituída por terra muito escura, com carvão e cinza, fragmentos de tijolos e de olaria produzida no complexo oleiro.

## Pátio Descoberto (cfr. Planta 1º Piso)

### I - Estruturas

Pavimento 1 - À cota de 18,40, pouco abaixo portanto do actual pavimento de mosaico hidráulico e da respectiva argamassa de base e de terra bege de entulho, detectei tijoleiras de barro cozido, com 25,5 cm x 12,5 x 4 cm. Assentava sobre uma base de barro vermelho

Pavimento 2 - À cota de 18 m e intercalando-se numa 6ª camada de entulho moderno, detectei a presença de um pavimento de areão amarelado.

Parede 8 - A parede 8 acompanhava toda a extensão do perfil “Leste”, entre as cotas 17,36 m e 16,20 m. O seu aparelho, irregular, denota o reaproveitamento de materiais e inclui algumas pedras de grandes dimensões( ex. 46 cm x 16 cm).

A porção “Sul” numa extensão escavada de 76 cm desta parede, constituída por pedras de média dimensão apoiava-se na 8ª camada, com apenas 10 cm de espessura, numa zona que estava sobre a abertura de um poço ou cisterna, ou ainda “ poço cego” para descarga de lixos, que ficava subjacente. Espantosamente não só não ruiu antes da

intervenção arqueológica, como manteve a sua estabilidade, após a escavação da 8ª e parte da 9ª camadas.

Calçada - Uma calçada feita com pedras próprias para esta finalidade cobria parcialmente o recinto da sondagem e articulava-se com a sua base, constituía a 8ª camada.

Parede 9 - À cota de 16,20 m implanta-se o que resta de uma parede que corre paralela ao perfil “Oeste” (**Verificar**), construída com pedras de dimensões variáveis, parece ter obedecido à preocupação de apresentar uma face regular na direcção “Leste”. Assentava sobre a rocha margosa local, com a altimetria de 15,95 m (cfr. Plano).

Estrutura 10 - Assentando sobre a rocha local (cfr. Plano e perfil “Sul”), estava construída uma estrutura de grandes pedras irregulares.

Rocha A - A rocha calcária margosa e friável local estava à cota 15,95 m mas, no ângulo “Nordeste” foi escavada, de forma a fazer um canal (cfr. foto) com cerca de 20 cm de fundo, que conduzia a uma espécie de parapeito elevado cerca de 8 cm, que é o rebordo de poço, ou cisterna, ou ainda poço cego.

Poço Cego - Escavado na rocha, tem a boca protegida pelo pequeno parapeito já referido e calculo que o seu diâmetro seja de cerca de 90 cm, abrindo bastante, no interior.

Não pudemos escavar este poço, porque os perfis “Sul” e “Leste” da sondagem assentavam sobre ele.

## II – Estratigrafia

1ª Camada – Constituída por mosaico hidráulico

2ª Camada – Argamassa de cimento e areia

3ª Camada – Terra bege com entulhos modernos

4ª Camada – Pavimento de tijoleira de barro, com 23 cm de comprimento.

5ª Camada – Tira de barro vermelho, de espessura variável, servindo de base ao pavimento mencionado.

6ª Camada – Terra bege clara, com entulho moderno.

6ª A Camada – Pavimento de calço e areão amarelado.

6ª B Camada – Bolsa constituída por areão amarelado, com nódulos de barro vermelho, argamassa, telhas fragmentadas.

6ª C Camada – Bolsa de areão mais fino, com nódulos de barro amarelo, mais compacta.

7ª Camada – Composta por terra escura, com pedras e algum espólio dos sécs XVIII – XIX.

8ª Camada – Calçada (cfr. foto).

9ª Camada – Articula-se com a parede 9. constituída por terra castanha escura, com muitas conchas e cerâmica, nomeadamente comum produzida no complexo oleiro em estudo. Por exemplo, um alcatruz de nora, com perfil completo, idêntico aos fragmentos recolhidos na descarga do forno da sala 1.

10ª Camada – no interior da cisterna, silo ou poço cego. Constituída por terra solta, arenosa, muito escura, que continha enormes quantidades de conchas de bivalves, nomeadamente da família das *cardiidae* (principalmente berbigão) e dos *solenidae*, nomeadamente *solen marginatus*, ou longueirão. De notar que as cascas destes moluscos não são frequentes noutros pontos da jazida.

## III – Interpretação funcional.

A presença de sucessivos solos, neste espaço hoje aberto, denota que foi ocupado durante os períodos moderno e contemporâneo.

A calçada da 8ª camada pode levar a pensar que foi um espaço descoberto, até talvez uma rua, pelos sécs. XVIII – XIX.

Quanto ao silo, ou cisterna, o fraco diâmetro da sua boca induz a pensar na primeira hipótese, ainda que a quantidade de cascas de molusco que preenchia o seu espaço leve igualmente a pensar num poço cego, para descarga de lixo.

## Cozinha 2

### I – Estruturas.

Parede 11 (cfr. Perfil “Oeste”) – Cerca de 8 cm a 10 cm abaixo do mosaico hidráulico que constituía o solo desta divisão, aflorava uma pequena estrutura composta de duas fiadas de pedra.

Articulava-se com uma mancha de calíço, resultante do derrube do respectivo reboco.

Parede 12 (cfr. perfil “Oeste” e Foto ) – Situava-se entre as cotas de 17,80 m e 16,60 m . A parte superior era revestida de reboco de cal e areia e a inferior, de aparelho mais regular.

Parede 13 ( cfr. perfil “Oeste” e foto) – Aparentava ser um pequeno *podium*, feito de pedra calíça e tijolo. Verificou-se que era a pilastra de apoio de um arco da fornalha de um forno (cfr. foto e plano).

Este arco era constituído por tijolos maciços grossos, cerca de 8-9 cm x 22 cm x 12 cm.

Esta fornalha desenvolvia-se na direcção ”Oeste”. Assentava numa camada de barro recozido e vítreo, devido à acção do fogo e que se sobrepunha directamente à rocha margosa local.

Trata-se, sem dúvida, do primeiro arco de um conjunto que ficava para “Oeste”, prolongando-se para além deste perfil da sondagem, mas do qual ainda pode observar e fotografar outro arco, aparentemente *in situ* (cfr. foto ). Distava cerca de 50 cm do anterior.

Estrutura 14 – Na direcção “Oeste” seguia uma ténue estrutura, feita de tijoleiras e algumas pedras, que assentava sobre a rocha local e que se dirigia para um pequeno canal escavado na mesma (cfr. plano ), sobre o qual passa e termina numa outra estrutura.

Estrutura 15 – Outro amalgamado de tijoleiras e pedras.

### II – Estratigrafia.

1ª Camada – Mosaico hidráulico e respectiva argamassa.

2ª Camada – Terra bege, solta, com entulho moderno.

3ª Camada – Solo de terra batida vermelha, assente em bolsas de calíço.

Forma outras bolsas 3B e 3C, que interpreto como resultado da deposição de entulhos.

4ª Camada – Terra bege pouco apertada, com muito entulho do séc. XIX, consistindo em alguidares grossos vidrados interiormente a verde e muita cerâmica comum à mistura com muitas pedras de dimensões relativamente pequenas e troços de calíço. Tem cerca de 70 cm de espessura e assenta na parede 13.

4ª B Camada – Uma calçada, que não ocupava toda a extensão da sondagem. Assentava em terra amarelada.

Interpreto esta calçada como uma espécie de “passadeira” no interior de uma casa, para conduzir gado para um estábulo nas traseiras, porque está inscrita entre duas “molduras” paralelas e não se articula com nenhuma parede (cfr. plano e foto ).

5ª Camada – No perfil “Oeste” era constituída pela parede 12. No perfil “Norte” era o que restava de uma parede derrubada e com reboco.

No centro da sondagem (5 A), correspondia a uma terra escura, compacta, com cinzas e carvões, telhas e bivalves (*cardiidae*).

Na interface entre a 5ª e a 6ª camadas assentava a “parede” 13, fotografei e recolhi um fundo de cântaro aparentemente proveniente deste complexo oleiro, bem como um grande fragmento de alguidar vidrado a verde (foto ).

6ª Camada – Terra barrenta vermelha, com cinzas e restos de olaria, nomeadamente cântaros de base plana (foto ) e pequenos alguidares não vidrados (foto). Assentava directamente sobre o nível da grelha ou crivo, base da câmara de cozedura.

7ª Camada – Apenas existia para “Oeste” da parede 13 e do primeiro arco da fornalha. Era constituída por carvão, tijolos grossos e argila recozida.

8ª Camada – Corresponde ao interior da fornalha e é constituída por terra negra, cinzas e carvões.

No resto da sondagem, era formada por barro vermelho acastanhado, com muitos tijolos, fragmentos de telhas e de cerâmica comum ( foto ).

Assentava sobre uma linha de barro recozido e vidrado pelo fogo, que se sobrepunha à rocha local, alisada.

### III – Tentativa de interpretação funcional

Creio que a ventura nos possibilitou encontrar outro segmento de forno que completa a informação que pudemos retirar daquele que foi intervencionado em primeiro lugar (Sala 1).

No caso da Cozinha 2 exumámos o início da fornalha, com um dos seus pilares, e os restos caídos de um arco que sustentava a grelha ou crivo que a separava da câmara de cozedura. Localizei ainda o segundo arco desta série e pude medir e registar a altura e conteúdo desta área de incineração e produção de calor. Trata-se do segmento que falta ao primeiro forno (Sala 1), visto que analisei a parte posterior desta estrutura.

A Cozinha 2 também facultou, em minha opinião, a observação e registo do corredor de alimentação da fornalha, também ele situado abaixo do nível do solo.

Quanto à designada “estrutura 14”, será, por hipótese, uma infra-estrutura relacionada com a actividade de carrear lenha suficiente para aquecer, fazer subir a temperatura até ao ponto ideal, mantê-la e, por fim, deixá-la baixar.

O pequeno canal escavado na rocha que também foi documentado, pode ter a ver com uma pequena conduta de água que a carresse para dentro deste corredor, a fim de tornar a temperatura mais tolerável para os operadores.

O tipo de cozedura que estes fornos proporcionavam era *oxidante*, uma vez que todas as pastas das peças recolhidas *in loco* apresentavam colorações beges, rosadas ou vermelhas. Este facto indica que haveria uma forma de circulação de oxigénio, no interior das câmaras de cozedura.

O forno da Cozinha 2 destinava-se, aparentemente, a peças de maiores dimensões e, em certa medida, mais grosseiras do que o forno da Sala 1. O facto de parecer ter também cozido peças vidradas não é contraditório a esta hipótese.

De resto registei e recolhi inúmeras peças informes de bronze ou cobre, em toda a jazida e nos níveis correspondentes à área de laboração da olaria e que interpreto como material destinado a ser pulverizado, para produzir acabamentos vidrados.

### Conclusões gerais

A Rua das Olarias fez juz ao seu topónimo. Naquele sítio arqueológico funcionou um complexo oleiro vasto, a cuja cronologia apenas posso atribuir um

*terminus ante quo*, a faiança dita “malagueira”, que se divulgou na Península após a 2ª metade do séc. XVI.

Gostaria de possuir dados suficientes para poder relacionar inquestionavelmente o abandono desta oficina com o édito de expulsão dos Judeus e Mouros, (1495) emitido por D. Manuel I. As moedas recolhidas no contexto dos fornos não estão ainda limpas e classificadas e todos sabemos que o seu valor enquanto indicadores cronológicos é muito relativo.

\*\*\*\*\* // \*\*\*\*\*

Primeira listagem das formas que foram montadas e cozidas nesta oficina oleira:

- Candeias simples, de um bico ( foto )
- “Pucarinhas” de corpo globular, pescoço alto e uma só asa ( foto )
- Alcatruzes de nora de corpo em forma de cabaça, pescoço longo e lábio extrovertido. O fundo é rematado por um pequeno botão aplicado e não possui furo (foto ).
- Cântaros de duas asas aba extrovertida e pendente que, por vezes é decorado com pequenas incisões, na face inferior do lábio. O seu pé é plano e estreito (foto )
- Alguidares de dimensões médias e vidrados a verde, na face externa.
- Alguidares de pequenas dimensões (foto )
- Telhas “de canudo”
- Tijolos e tijoleiras.

\*\*\*\*\*//\*\*\*\*\*

#### Os materiais

Grande parte do material recolhido não foi ainda lavado, nem objecto de análise mais profunda.

Ficará em depósito, no Campo Arqueológico de Tavira, até que tenham decorrido todos os tramites habituais, limpeza, colagem sumária e reversível, desenho, catalogação, estudo e publicação.

Este último ponto afigura-se de muita urgência, uma vez que o conhecimento de um novo ponto de produção de cerâmica comum, em Portugal, anterior à segunda metade do séc. XVI, pode trazer muitas achegas à classificação de recolhas nos sítios destinatários e utentes destas peças.

Também a colecção de faiança é muito interessante e reflecte toda uma teia de relações comerciais que Tavira – elevada a cidade no mesmo reinado de D. Manuel (1522) – manteve, em finais do séc. XVII.

Este estudo foi já iniciado e detectámos muitas peças oriundas da área de Lisboa, outras de Coimbra e algumas, de estudo mais difícil, de momento, de Espanha, nomeadamente Sevilha e Talavera de la Reyna.

Em minha opinião, o Hotel que está projectado para se construir no local, muito lucraria com a edição de uma (ou mais) brochura(s) informativa(s) sobre o sítio arqueológico revelado, por força da Lei, anteriormente à sua construção.

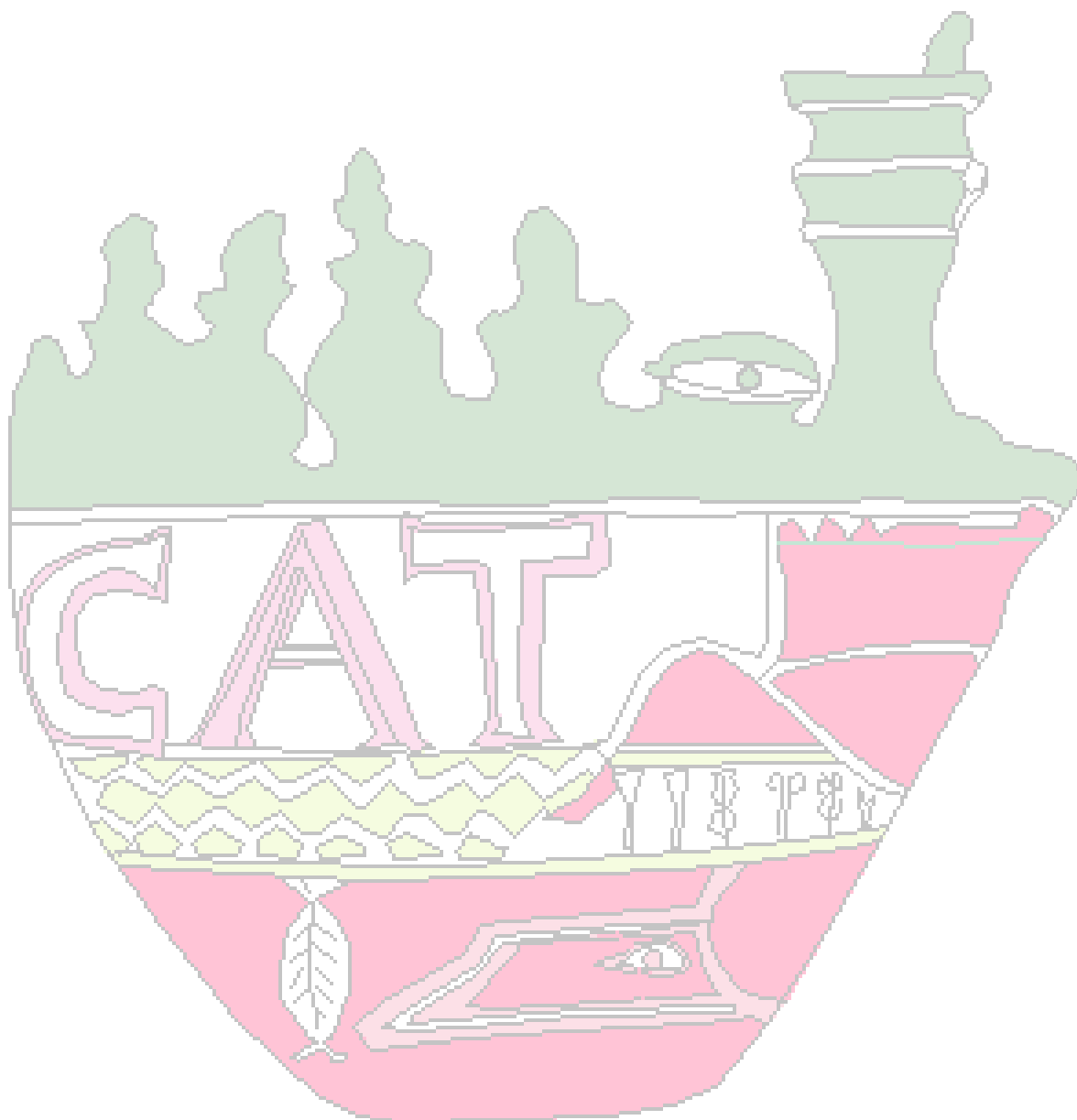
#### Destino dos materiais exumados

Logo que existam as condições legalmente estabelecidas, darão entrada numa reserva da Câmara Municipal de Tavira, de acordo com o Protocolo já referido que

vincula o Campo Arqueológico de Tavira, a Câmara Municipal de Tavira e o Instituto Português de Arqueologia.

Tavira, 25 de Outubro de 2002.

(Maria Adelaide de Figueiredo Garcia Pereira Andrade Maia)



## Peças de cerâmica

لا اله الا الله [الله]  
[www.arqueotavira.com](http://www.arqueotavira.com)













